

**J**ANEIRO de 1963: faço 50 anos. Não é divertido. Para falar com franqueza, eu preferia (e obscuramente sinto vontade de dizer: eu merecia) fazer quarenta anos. Esta a idade que me apraz imaginar que possuo. Não tenho saudade de meus 30 anos, quero dizer — não teria vontade de voltar a ser como eu era aos 30 anos — e muito menos aos 20. Mas, 40 acho que faria uma boa conta.

Sei que não adianta reclamar, mas acho que fui roubado. Contaram-me dez anos a mais... Naturalmente somaram tudo, tudo, inclusive o tempo que

passei, vamos dizer, perdendo tempo. Por exemplo: andando atrás de mulher que não queria saber de mim. Isso não devia valer. Que me marcassem agora 45 anos vá lá. 50, francamente, acho um pouco demais, e um pouco demasiado de repente. Parece que não há remédio senão aceitar. Aceito resmungando, como quem paga, de má-vontade, uma conta de bar que está achando exagerada.

Cinquenta anos... Uma injustiça, sem dúvida alguma. Logo comigo, que tinha tanta vocação para ser rapaz!

Sou, na verdade, um velho rapaz, e faço meus 50 anos sem rir, sem chorar; sem chorar, sem rir. Resmungando, é natural. O momento seria bom: para uma pausa, um balanço, um exame de consciência. Vou pensar nisso; mas agora não, ainda estou meio chocado com essa brincadeira bôba.

A verdade é que a gente não envelhece por igual, como essas frutas dos pomares bem cuidados. A gente envelhece como goiaba da roça; uma parte está de vez, outra já madura, um pedaço ainda está verde e já outro prêto, bichado.

Essa comparação não deve ser minha; acho que já li isso em alguma parte, talvez em Gilberto Amado; parece coisa dêle.

Para disfarçar, e como tinha de viajar, arranjei as coisas para passar o dia de meu aniversário em viagem. Saí cedo de Rabat em automóvel para pegar em Casablanca um avião que me levaria a Lisboa, onde no dia seguinte embarcaria para o Rio. Mas o aeroporto de Lisboa estêve trancado por um

nevoeiro, e como as notícias eram incertas passei o dia entre o aeroporto, o hotel e agência da companhia; acabei fazendo uma escala absurda em Madri, que é mais longe do que Lisboa.

Essa confusão aborrecida me deu a vaga impressão de estar entrando clandestinamente na minha segunda metade de século. Metade, por sinal, bem menor que a primeira...

Só há um consôlo verdadeiro: a companhia. Fazendo 50 anos em 1963 eu me igualo, pelo menos em idade, a duas das mais altas e puras instituições cariocas: Vinicius de Moraes e o bondinho do Pão de Açúcar. O poeta faz 50 anos em 19 de outubro; o bondinho fêz agora mesmo, em janeiro, um pouco depois de mim.

Nesses 50 anos de funcionamento, êsse bondinho teve raros acidentes, já deu muito susto e já ameaçou se despencar no abismo, mas nunca matou ninguém. Como o Vinicius de Moraes. Como o Vinicius de Moraes, cuja poesia também tantas vezes nos leva sôbre a terra e o mar em visões de beleza, entre nuvens e luas... Bons companheiros!

Mas eu preferia fazer quarenta.

Rio, janeiro de 1963

O MENINO ganhou uma grande caixa vermelha vinda de Praga. Dentro há um teatrinho de "marionnettes".

Um palco de madeira e papelão e cenários em cores ingênuas. Os bonecos são muitos; são personagens de lendas estranhas, fugidos de castelos medievais. Há pequenas camponesas de vestes coloridas, velhotas gaiatas que estão sempre rindo e agitando as mãos, um diabo todo prêto, de nariz e sobranceiras vermelhas e uma cauda inquieta; um rei de barba cor de prata, um guerreiro e um guarda campestre de espingardas e bigodes; a Morte, naturalmente sob forma de esqueleto; meninas, palhaços, um narigudo de casaca preta e nariz vermelho, um juiz que também pode ser um velho feiticeiro — e um pequeno dragão verde, esplêndido, que meneia o rabo e escancara de modo prodigioso a bocarra de enormes dentes.

O menino já descobriu que o pequeno palhaço tem a cabecinha desmontável — e

com um rápido jogo da cortina de papel pode dar a ilusão de que o dragão o divide em dois. E que a bailarina, apesar de tcheca, é "crack" no "Tico-Tico no Fubá".

Disseram-me para escrever uma peça para o menino, mas não tive jeito. Sinto-me burro e cinzento diante desse pequeno mundo vivo e colorido. Leio muitos jornais, e até escrevo neles; acompanho os trabalhos do Parlamento; interesse-me pelo noticiário da missão Abbink e pelos argumentos contra e a favor da exportação de manganês; fico atento, sem nada ter com isso, às manobras em tórno da recomposição do PSD em Minas e aos debates da Comissão Central de Preços... Estou na verdade, muito burro. Acabaria inventando uma história fria, cacete e de mau gosto. Não tenho o direito de levar meu pessimismo pardo e minha cansada estupidez a esse palco de sonhos coloridos.

O menino, então, leva horas, sôzinho, a mexer com os bonecos. Puxa-lhes os cordéis, faz com que briguem, se abracem, ou desmaiem. Depois chegam outros meninos e começa a representação. Não escreveu, nem sequer imaginou nenhuma peça. Vai inventando.

É assim, ao acaso, lança os personagens no palco, pegando às vezes o que está mais perto, seja capeta, mulher ou guerreiro antigo. Inventava falas, improvisa enredos, cria situações terríveis que resolve muito naturalmente com sua prepotência de pequeno deus. Quando está cansado de um personagem, seja a Morte ou seja o Rei, faz com que outro lhe aplique uma surra e o expulsa de cena — ou simplesmente o lança fora, sem explicar porque veio, nem porque se foi. Como tem uma vitrolinha francesa, faz com que tudo isso aconteça ao som de "Au clair de la lune" ou "Sur le pont

d'Avignon". E haja o que houver tudo acaba sempre muito bem, com bonecos dançando e o dragão a abanar alegremente o rabo.

As crianças fazem demasiado barulho. Fecho a porta do escritório, volto a ler meus jornais. Pacientemente percorro os telegramas das agências, o noticiário da Câmara, as audiências do sr. presidente da República, noticiário de Institutos, editoriais sobre a situação de Berlim, sobre o preço do café... E tudo isso é também absurdo; há enredos estranhos, personagens que entram e saem ninguém sabe porque, ministros, bailarinas, moleques...

Tenho vontade de ir lá dentro chamar o menino, entregar-lhe o Brasil e o Mundo, pedir-lhe para organizar, com todos esses bonecos terríveis e gaiatos, uma história mais coerente e mais divertida.

Dezembro, 1948.

## A outra noite

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de Lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enlazaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

— O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlazarada e torpe havia uma outra — pura, perfeita e linda.

— Mas, que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

— Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um "boa-noite" e um "muito obrigado ao senhor" tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

## Flor-de-maio

Entre tantas notícias do jornal — o crime do Sacopã, o disco voador em Bagé, a nova droga antituberculosa, o andaime que caiu, o homem que matou outro com machado e com foice, o possível aumento do pão, a angústia dos Barnabés — há uma pequenina nota de três linhas, que nem todos os jornais publicaram.

Não vem do gabinete do prefeito para explicar a falta d'água, nem do Ministério da Guerra para insinuar que o país está em paz. Não conta incidentes de fronteira nem desastre de avião. É assinada pelo senhor diretor do Jardim Botânico, e nos informa gravemente que a partir do dia 27 vale a pena visitar o Jardim, porque a planta chamada "flor-de-maio" está, efetivamente, em flor.

Meu primeiro movimento, ao ler esse delicado convite, foi deixar a mesa da redação e me dirigir ao Jardim Botânico, contemplar a flor e cumprimentar a administração do horto

pelo feliz evento. Mas havia ainda muita coisa para ler e escrever, telefonemas a dar, providências a tomar. Agora, já desce a noite, e as plantas em flor devem ser vistas pela manhã ou à tarde, quando há sol — ou mesmo quando a chuva as despenca e elas soluçam no vento, e choram gotas e flores no chão.

Suspiro e digo comigo mesmo — que amanhã acordarei cedo e irei. Digo, mas não acredito, ou pelo menos desconfio que esse impulso que tive ao ler a notícia ficará no que foi — um impulso de fazer uma coisa boa e simples, que se perde no meio da pressa e da inquietação dos minutos que voam. Qualquer uma destas tardes é possível que me dê vontade real, imperiosa, de ir ao Jardim Botânico, mas então será tarde, não haverá mais "flor-de-maio", e então pensarei que é preciso esperar a vinda de outro outono, e no outro outono posso estar em outra cidade em que não haja outono em maio, e sem outono em maio não sei se em alguma cidade haverá essa "flor-de-maio".

No fundo, a minha secreta esperança é de que estas linhas sejam lidas por alguém — uma pessoa melhor do que eu, alguma criatura correta e simples que tire desta crônica a sua única substância, a informação precisa e preciosa: do dia 27 em diante as "flores-de-maio" do Jardim Botânico estão gloriosamente em flor. E que utilize essa informação saindo de casa e indo diretamente ao Jardim Botânico ver a "flor-de-maio" — talvez com a mulher e as crianças, talvez com a namorada, talvez só.

Ir só, no fim da tarde, ver a "flor-de-maio"; aproveitar a única notícia boa de um dia inteiro de jornal, fazer a coisa mais bela e emocionante de um dia inteiro da cidade imensa. Se entre vós houver essa criatura, e ela souber por mim a notícia, e for, então eu vos direi que nem tudo está perdido, e que vale a pena viver entre tantos sacopãs de paixões desgraçadas e tantas COFAPs de preços irritantes; que a humanidade possivelmente ainda poderá ser salva, e que às vezes ainda vale a pena escrever uma crônica.

## PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Outubro, 1944.

Conversei ao acaso com um praça na frente, e calhou que era um rapaz de Barbacena. Chama-se Néelson Neves, e trabalhava na Central. Lembrando-me do tempo em que fazia reportagem política em Minas, e de uma eleição a que fui assistir em Barbacena, perguntei se o rapaz era do partido do Bias Fortes ou do Zezinho Bonifácio. Disse que ele e sua família eram do partido do Bias Fortes. Começou então a lembrar certos episódios da luta política local. Confessou que certos dias não tinha coragem de sair à rua em Barbacena, por causa da gente do Zezinho. Em compensação, quando Bias Fortes tomou conta da situação, a casa do Zezinho foi pichada. E Néelson teve este comentário raro:

— Ah, isso aqui, perto de Barbacena daquele tempo, é um sossego...

Apressou-se depois a acentuar que a luta aqui é dura mas a gente tem a vantagem de saber de que lado está o inimigo. Quando lhe pedi a impressão sobre os nazistas, respondeu:

— Lutam como a gente. Mas nós damos neles.

Os brasileiros já libertaram sozinhos algumas cidades italianas. Os alemães são grandes destruidores — dá gosto ver uma ponte arrebatada por eles. Fazem com muita perfeição, na terra do pobre povo italiano, a política da terra devastada, e isso com a aprovação, aliás completamente dispensável, de Mussolini. Nem sempre, porém, têm tempo para destruir tudo, e temos verificado isso no setor em que atuam as nossas tropas. Em uma localidade — Fornachi — os brasileiros encontraram, juntamente com quatro nazistas mortos e um ferido que os alemães deixaram para trás, uma grande fábrica de munições e acessórios para aviões quase intacta.

O invasor nazista que se retira é acompanhado pelas pragas e maldições do povo. No dia seguinte àquele em que os brasileiros tomam conta de algum lugar, começam a aparecer, descendo as montanhas,

homens e mulheres italianos. Isso é gente que enfrentou a alternativa de fugir para as montanhas ou ser agarrada pelos nazistas, que têm fome de braços. Não há nisso qualquer exagero: todos são unânimes em dizer que os alemães pegam à força todos os jovens para lutar ou trabalhar para eles. A rapina das cidades e dos campos é tão completa quanto possível, e o que os brasileiros encontram nas cidades conquistadas é invariavelmente uma população famélica. Nosso comando já sabe disso, e envia na vanguarda mantimentos e cozinha. Deixando de lado outras razões, não é de admirar que nossa gente seja bem recebida onde vai chegando.

Os oficiais brasileiros, como os de todas as outras nacionalidades dos 5º e 8º exércitos, não poupam louvores aos *partigiani*. São os guerrilheiros libertários italianos que lutam nas montanhas dos Apeninos contra os nazistas. Fazendo incursões súbitas contra postos nazistas, cortando de vez em quando suas linhas de comunicações, os *partigiani* são ainda muito úteis às nossas tropas porque, atravessando as linhas, vêm nos trazer as mais úteis informações sobre o adversário. São homens que sabem que, uma vez apanhados pelos nazistas, não terão o tratamento devido aos prisioneiros de guerra. São tratados como se fossem bandidos, e invariavelmente fuzilados, muitas vezes depois de torturas.

Esses *partigiani* são quase todos italianos que lutam pela libertação de sua terra. De vez em quando, porém, aparecem na frente do 5º Exército guerrilheiros de outras nacionalidades.

O que tem surpreendido nos *partigiani* é a perfeita disciplina existente nos pequenos grupos. Eles se apresentam à autoridade militar aliada, dão as informações que têm, se oferecem para alguma ação local e só depois disso regressam às suas montanhas, passando a linha por caminhos tortuosos que só eles conhecem.

Já escrevi que os brasileiros são bem recebidos onde chegam. O mesmo acontece com todas as forças aliadas, mas há um fator que facilita especialmente a boa compreensão de brasileiros e italianos: a semelhança das línguas, que em muitos casos se resolve em camaradagem. A generosidade brasileira se mostra: desde que desembarquei, numa chuvosa manhã, vi, no comboio de caminhões que rumava para o acampamento, soldados brasileiros atirando cigarros, caramelos e chocolates aos italianos que acenavam alegremente à beira da estrada. Não faltam, de resto, os pedintes, homens e mulheres e crianças de voz chorosa que sempre dizem a mesma coisa, que vou transcrever de ouvido, sem saber como se escreve direito em italiano:

*"Tutto rovinato. Tutto bombardato. Gli tedeschi hanno portato via tutti quanti. Niente a mangiare, molto lavorare. Una sigaretta, cioccolata, caramella... Una scatoletta..."*

Mas nem sempre se trata de esmola. Muitas vezes há trocas de cigarros por vinhos ou frutas. A tremenda desorganização social causada pela guerra e as perturbações da vida familiar, principalmente das classes mais pobres, ora reduzidas à miséria, facilitam outras transações menos comerciais. E na lindíssima Toscana, onde a cidade e o campo se harmonizam com uma doçura incomparável, nunca faltaram boas garrafas de vinho e admiráveis *signorine bionde*.

A guerra é dura, mas muitas vezes acontecem coisas aos nossos rapazes nesta guerra de que eles nunca se queixarão, nem terão vontade de esquecer.

É fácil notar que as populações das cidades estão em condição pior que as do campo, onde os *contadini* sempre têm alguma coisa que comer. Cachos louros de espigas de milho estão pendurados nas paredes das casinhas, o tomate é abundante, e em várias casas em que entrei vi a secar o macarrão doméstico. Em resumo, essa gente passa muitas necessidades, mas quem deixa os tristes becos das grandes cidades, onde ruínas antiqüíssimas alternam com ruínas recentíssimas, e a miséria agrava todos os males sociais, tem uma impressão de pura beleza e alegria ao correr pelos campos bem plantados onde se amontoam, junto às casas dos camponeses, os doces montes cônicos de feno.

## OS MOLEQUES DE NÁPOLES

Outubro, 1944.

Um quilo de pão custa 130 liras, e isso quer dizer 26 cruzeiros; o quilo de carne custa de 300 a 350 liras, o litro de azeite 380 liras, o quilo de macarrão 250 liras. O povo de Nápoles mora mal, veste-se mal, come pouco — e sua liberdade está cheia de restrições.

Certamente quando vier o inverno será muito pior. Um rapazola que trabalha para o Banco do Brasil ganha 100 liras por dia, mas não quis vender por 4.000 liras a botina reítua que um funcionário da subagência lhe deu. Não quer andar descalço, e não poderia comprar outro par. O mercado negro funciona por toda a parte: tem-se às vezes a impressão cômica e trágica de que cada pessoa procura comprar escondido uma coisa por 20 liras para revender por 40 liras a outra pessoa, que a revenderá por 70 liras a outra, que a revenderá a outro revendedor — e assim por diante, até aparecer, não sei em que altura da escala, um cidadão que resolve consumir o artigo, graças ao dinheiro que arranhou ninguém sabe onde, talvez à custa de outros negócios desse gênero.

Inflação, miséria, produção desorganizada. Entretanto, não se vê a fome, a fome absoluta como dizem há na Grécia e em outros lugares. Os alimentos são caros e poucos; mas há. Há homens trabalhando a terra, e os estrangeiros que ocupam a cidade não são mais os nazistas que pilhavam todo mundo, que roubavam o porco e a vaca do camponês. Os aliados evitam que seus soldados comam o alimento do povo pobre. Com minha farda de oficial eu pude entrar em um bar e beber: mas quando pedi um sanduíche, me avisaram que a comida é reservada aos civis. São raros os restaurantes em que um oficial estrangeiro pode comer, raros e caros. Na própria cidade, os oficiais aliados têm lugares certos onde podem comer a preço baixo comida fornecida pelos seus países.

Todos os carros que os alemães não carregaram ao se retirarem

estão requisitados pelas autoridades aliadas. Os bondes e o subterrâneo funcionam em algumas linhas, a horas certas, pela manhã e à tarde. Uma grande parte da população anda diariamente quilômetros a pé, entre a casa e o trabalho.

### Os *scugnizzi*

Os *scugnizzi* são os moleques de Nápoles. Belos moleques esfarrapados que andam por toda parte, são vorazes por cigarro, dormem em algum buraco e comem vagamente o que aparece. Os *scugnizzi* não são, digamos assim, perfeitos *gentlemen*, e é impossível saber até que ponto sua moral privada é rígida.

Mas os *scugnizzi* são os donos de Nápoles. E são donos por direito de conquista: foram eles que conquistaram Nápoles. Quando os americanos entraram na cidade, não havia mais um só fascista a resistir. Isso é uma bela e grande história, e um dia certamente será melhor contada.

Mussolini caiu em 25 de julho de 1943. Em 8 de setembro foi assinado o armistício. Em 26 de setembro os americanos bombardeavam Nápoles, e suas tropas avançadas estavam em Palma Campania, a cerca de 30 quilômetros.

Antes os alemães tratavam os italianos como aliados: agora agiam como senhores. A rapina foi organizada: rapina não somente de carros e alimentos como também de gente: rapazes e moças que deviam seguir para o norte, para lutar ou trabalhar para os nazistas. Quando o povo soube que os americanos estavam se aproximando, os ânimos se ergueram.

Foram os *scugnizzi* que começaram a luta. Um alemão, não se sabe por quê, matou um italiano no Vomero. Um *scugnizzo* andou pelos telhados, espreitou o alemão assassino e o derrubou com um tiro de pistola. Onde ele arranhou a pistola ninguém sabe.

Dias antes os alemães tinham recolhido todas as armas de civis e militares italianos.

Muita gente, porém, não entregou as armas, ou não entregou todas as que tinha.

Havia armas em esconderijos, e os *scugnizzi* são técnicos em esconderijos.

Se um alemão tinha sido morto, 20 italianos deviam pagar. Vinte homens foram agarrados nas vizinhanças para serem fuzilados no mesmo local em que tombara o alemão. Era o terror nazista, capaz de assustar os mais bravos. Mas à tarde, à hora do fuzilamento, havia no lugar, além dos alemães e dos 20 prisioneiros, uma chusma dos piores e mais esfarrapados *scugnizzi* de Nápoles. E essa molecada começou a gritar, e a protestar — e a interferir. Um deles lançou contra os na-

zistas alguma coisa que poderia ser uma pedra, mas era exatamente uma granada de mão. Isso foi na tarde de 27 de setembro de 1943. Ratos e pardais humanos, os *scugnizzi* se postaram em cada canto da cidade em que podia passar um alemão. Atacados, fugiam pelos becos, metiam-se pelos buracos, sumiam pelos telhados e apareciam em alguma outra parte para matar outro alemão e despojar imediatamente o cadáver de suas armas. A reação alemã foi terrível, e a noite inteira as metralhadoras cacarejaram na escuridão. Os fascistas ficaram ao lado dos nazistas, mas a revolta no seio do povo se propagou. O heroísmo dos *scugnizzi* arrebatou homens e mulheres. Por toda parte se ergueram barricadas, todas as armas foram desenterradas, e na cidade que os americanos bombardeavam, o povo lutava contra seus dominadores.

A luta durou quatro dias. Oficiais do Exército que odiavam o fascismo organizaram os planos de ataque, orientando operários, *scugnizzi* e todo o povo revoltado.

No dia 30 de setembro, os últimos alemães e fascistas sumiram pelas estradas acossados pelos *scugnizzi*, que os perseguiam ou se postavam em tocaias. Muitos nazistas esbarraram com barricadas que não puderam transpor: e quando as arremetiam, o fogo vinha não só da frente mas de trás e dos lados, de todas as portas e janelas.

Os americanos entraram na cidade no dia 1º de outubro. A cidade estava muito danificada, mas não tanto quanto os nazistas gostariam de tê-la deixado. Os pelotões de destruição não tiveram tempo para fazer bem o seu trabalho: os *scugnizzi*, com a sua audácia, defenderam o patrimônio comum. E aqui estão eles, esses belos moleques esfarrapados. Aqui estão por toda parte, livres como os ratos e os pardais. Essa liberdade, eles a merecem: eles a conquistaram com seu sangue.

Os italianos sabem que devem sua libertação às armas aliadas. Mas perguntem a qualquer homem do povo, em Nápoles, quem expulsou os nazistas da cidade, e ele, apontando para alguns moleques, e sorrindo, dirá com verdadeiro orgulho:

— *Gli scugnizzi!*

Fevereiro, 1945

A véspera tinha sido um dia muito duro: nossos homens atacaram uma posição difícil e tiveram de recuar depois de muitas horas de luta. Vocês já sabem dessa história, que aconteceu no fim de novembro. O comando elogiou depois os médicos que deixaram de se alimentar, abrindo mão de suas refeições para dá-las aos soldados. Um homem, entretanto, fora elogiado nominalmente: um pracinha, enfermeiro da companhia, chamado Martim Afonso dos Santos. Às nove horas da manhã — essa história também já chegou aí — Martim foi ferido por uma bala quando socorria um ferido na linha de frente. Não foi uma bala no peito; o projétil ficou alojado nas nádegas. Mas não importa onde a bala pegue um homem: o que importa é o homem. Martim Afonso dos Santos fez um curativo em si próprio e continuou a trabalhar. Até as onze e meia da noite atendeu aos homens de sua companhia. Só então permitiu que cuidassem de si.

Resolvi entrevistar Martim e fui procurá-lo num posto de tratamento da frente, onde me disseram que ele devia estar. Lá me informaram que ele tinha sido mandado para um hospital de evacuação, muitos quilômetros para a retaguarda — para encurtar conversa, eu andei mais tarde de posto em posto, de hospital em hospital, e até agora ainda não encontrei o diabo do pretinho. Encontrarei.

No posto de tratamento estavam dois homens que acabavam de ser feridos em um desastre de jipe e um outro com um estilhaço de granada na barriga da perna.

— Padioleiros, depressa!

Os homens saíram para apanhar o ferido — mas quando eles entraram, eu estava procurando o nome de Martim no fichário, e não ergui os olhos. O médico me informou que, como o ferimento era leve, eu devia procurá-lo em tal hospital; talvez já tivesse tido alta... Foi então que distraidamente me voltei para a mesa onde estava sendo aten-

dido o último ferido — e tive uma surpresa. Quem estava ali não era um desses homens barbudos de botas enlameadas e uniforme de lâ sujo que são os fregueses habituais do posto. O que vi ao me voltar foi um pequeno corpo alvo e fino que tremia de dor.

Um camponês velho deu as informações ao sargento: Silvana Martinelli, 10 anos de idade.

A menina estava quase inteiramente nua, porque cinco ou seis estilhaços de uma granada alemã a haviam atingido em várias partes do corpo. Os médicos e os enfermeiros, acostumados a cuidar rudes corpos de homens, inclinavam-se sob a lâmpada para extrair os pedaços de aço que haviam dilacerado aquele corpo branco e delicado como um lírio — agora marcado de sangue. A cabeça de Silvana descansava de lado, entre cobertores. A explosão estúpida poupou aquela pequena cabeça castanha, aquele perfil suave e firme que Da Vinci amaria desenhar. Lábios cerrados, sem uma palavra ou um gemido, ela apenas tremia um pouco — quando lhe tocavam num ferimento, contraía quase imperceptivelmente os músculos da face. Mas tinha os olhos abertos — e quando sentiu a minha sombra, ergueu-os um pouco. Nos seus olhos eu não vi essa expressão de cachorro batido dos estropiados, nem essa luz de dor e raiva dos homens colhidos no calor do combate, nem essa impaciência dolorosa de tantos feridos, ou o desespero dos que acham que vão morrer. Ela me olhou quietamente. A dor contraía-lhe, num pequeno tremor, as pálpebras, como se a luz lhe ferisse um pouco os olhos. Ajeitei-lhe a manta sobre a cabeça, protegendo-a da luz, e ela voltou a me olhar daquele jeito quieto e firme de menina correta.

Deus, que está no Céu — se é que, depois de tantos desgovernos cruéis e tanta criminoso desídia, ninguém o pôs para fora de lá, ou Vós mesmo, Senhor, não vos pejais de estar aí quando Vossos filhos andam neste inferno! — Deus sabe que tenho visto alguns sofrimentos de crianças e mulheres. A fome dessas meninas da Itália que mendigam na entrada dos acampamentos, a humilhação dessas mulheres que diante dos soldados trocam qualquer dignidade por um naco de chocolate — nem isso, nem o servilismo triste, mais que tudo, dos homens que precisam levar pão à sua gente, nada pode estragar a minha confortável guerra de correspondente. Vai-se tocando, vai-se a gente acostumando no ramerrão da guerra; é um ramerrão como qualquer outro: e tudo entra nesse ramerrão — a dor, a morte, o medo, o disco de Lili Marlené junto de uma lareira que estala, a lama, o vinho, a cama-rola, a brutalidade, a ajuda, a ganância dos aproveitadores, o heroísmo, as cansadas pilhérias — mil coisas no acampamento e na frente, em sucessão monótona. Esse corneteiro que o frio da madrugada desafina não me estraga a lembrança de antigos quartéis de ilusões, com alvoradas de violino — Senhor, eu juro, sou uma criatura rica de felicidades meigas, sou muito rico, muito rico, ninguém nunca

me amargará demais. E às vezes um homem recusa comover-se: meninas da Toscana, eu vi vossas irmãzinhas do Ceará, barrigudinhas, de olhos febris, desidratadas, pequenos trapos de poeira humana que o vento da seca ia a tocar pelas estradas. Sim, tenho visto alguma coisa, e também há coisas que homens que viram me contam: a ruindade friados que exploram e oprimem e probem pensar, e probem comer, e até o sentimento mais puro torcem e estragam, as vaidades monstruosas que são massacres lentos e frios de outros seres — sim, por mais distraído que seja um repórter, ele sempre, em alguma parte em que anda, vê alguma coisa.

Muitas vezes não conta. Há 13 anos trabalho neste ramo — e muitas vezes não conto. Mas conto a história sem enredo dessa menina ferida. Não sei que fim levou, e se morreu ou está viva, mas vejo seu fino corpo branco e seus olhos esverdeados e quietos. Não me interessa que tenha sido inimigo o canhão que a feriu. Na guerra, de lado a lado, é impossível, até um certo ponto, evitar essas coisas. Mas penso nos homens que começaram esta guerra e nos que permitiram que eles começassem. Agora é tocar a guerra — e quem quer que possa fazer qualquer coisa para tocar a guerra mais depressa, para aumentar o número de bombas dos aviões e tiros das metralhadoras, para apressar a destruição, para aumentar aos montes a colheita de mortes, será um patife se não ajudar. É preciso acabar com isso, e isso só se acaba a ferro e fogo, com esforço e sacrifícios de todos, e quem pode mais deve fazer muito mais, e não cobrar o sacrifício do pobre e se enfeitar com as glórias fáceis. É preciso acabar com isso, e acabar com os homens que começaram isso e com tudo o que causa isso — o sistema idiota e bárbaro de vida social, onde um grupo de privilegiados começa a matar quando não tem outro meio de roubar.

Pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana (sem importância nenhuma no oceano de crueldades e injustiças), pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana (mas oh! hienas, oh! porcos, de voracidade monstruosa, e vós também, águias pançudas e urubus, oh! altos poderosos de conversa fria ou voz frenética, que coisa mais sagrada sois ou conheceis que essa quieta menina camponesa?), pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana (oh! negociantes que roubais na carne, quanto valem esses pedaços estrçalhados?) — por esse pequeno ser simples, essa pequena coisa chamada uma pessoa humana, é preciso acabar com isso, é preciso acabar para sempre, de uma vez por todas.